



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - HABILITAÇÃO
LINGUAGEM E CÓDIGOS**

**A TRAJETÓRIA DA VIDA DE MARIA APARECIDA ALMEIDA DE SOUSA COMO
EDUCADORA DO CAMPO**

Brasil Novo - PA
Maio de 2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - HABILITAÇÃO
LINGUAGEM E CÓDIGOS**

MEMORIAL ACADÊMICO

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção de grau de licenciada em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Pará – do Curso de Educação do Campo, Campus de Altamira, sob Orientação do Prof. Msc. Reinaldo Marches.

Brasil Novo - PA
Maio de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

S725t Sousa, Maria Aparecida Almeida de
A trajetória de Maria Aparecida Almeida de Sousa como educadora do campo : A trajetória de Maria Aparecida Almeida de Sousa como educadora do campo com as multisséries / Maria Aparecida Almeida de Sousa. — 2019.
XXX, 30 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Reinaldo de Souza Machersis
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Educação do Campo. 2. Multisséries. I. Título.

CDD 370.91734098115

MARIA APARECIDA ALMEIDA DE SOUSA

**A TRAJETÓRIA DA VIDA DE MARIA APARECIDA ALMEIDA DE SOUSA COMO
EDUCADORA DO CAMPO COM AS MULTISSERIES.**

Data da Defesa 03/06/2019

Banca Examinadora

Professor orientador – Prof. Msc. Reinaldo de Souza Marchesi

Professora Examinadora – Profa. Msc. Ana Paula Souza

Professora Examinadora - Prof. Dr. Leonardo Zenha

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Anos iniciais na região da Trasmazônica: percursos e percalços.....	7
3. Paulo Freire e minha descoberta como educadora	Erro! Indicador não definido. 4
4. Percursos formativos, aperfeiçoamento e atuação na Educação do Campo.....	14
5. Maria, educadora, uma estudante da Educação do Campo	24
6. Considerações finais.....	28
7. Referências Bibliográficas	29

1. Introdução

O presente trabalho é o TCC acadêmico de conclusão do curso da Faculdade de Etnodiversidade da Educação do Campo em Licenciatura de Linguagem e Códigos do Campus de Altamira, Pará. O mesmo visa apresentar em forma de memorial a minha trajetória de vida como educadora do campo na região da Transamazônica. Quero aqui traçar uma análise descritiva e reflexiva sobre este trajeto, sabendo que o memorial acadêmico é uma (auto) biografia que descreve, analisa e critica os percursos acadêmicos construídos de perspectivas e estímulos sobre a história de vida.

A saber, Nóvoa e Sousa definem o que memorial é:

O resgate crítico e reflexível sobre a história do tempo vivido (passado) busca promover um momento de “balanço” sistematizado das relações e convivências sociais traçadas ao longo da vida, destacando inevitavelmente e prioritariamente as situações mais relevantes para formação pessoal. (NÓVOA, 2002; SOUSA, 2006, p.5)

Traçando essa contextualização sobre memorial, Benjamim (1992, p. 56), relata que “a memória é uma tessitura feita a partir do presente que nos empurra em relação ao passado, uma viagem fundamental, para que a gente possa trazer à tona os encadeamentos da nossa história, da nossa vida, ou da vida do outro”. E nesta viagem (auto) biográfica busco aqui abordar percepções da minha trajetória de vida acadêmica e o percurso profissional enquanto educadora.

A memória é um tema que tem vários ramos de estudos nas ciências, como a psicologia, a sociologia, a medicina e a literatura. A memória para Silva (2003) “[...] é uma palavra que vem do grego que nos remete a ação de lembrar, lembrar de nós mesmo, aquilo que permanece no espírito. A memória é como uma instância de inventar, meditar, refletir e velar no sentido de cuidar”.

Considerando a memória como a “instância de inventar, meditar, refletir e cuidar” eu fiz um exercício de lembrar, registrar e comentar aqui recordações de momentos vividos nos anos iniciais de minha infância, assim como meu percurso enquanto estudante, filha, profissional e posteriormente esposa, mãe e liderança social.

2. Anos iniciais na região da Transamazônica: percursos e percalços

Por vezes em parte deste texto, talvez pareça que eu esteja lamentando pelas dificuldades vividas, o que não é minha pretensão, mas é compreensível que no exercício de lembrar e relembrar histórias de vida é comum ressaltar as dificuldades para fazermos um trabalho de análise, avaliação e reflexão do que fomos, o que somos e o que queremos ser. Analisar os avanços, acertos e traçar metas para o futuro, pois penso que o presente está diretamente associado ao passado assim como ao futuro. Cito aqui, Streck e Frison (1999, p.107) para explicar que: “Lembrar é, então, não apenas reportar-se ao passado, mas é também reatualizá-lo no presente, sendo um fator importante para a ideia de continuidade e de história de vida”.

Seguindo, nasci em Linhares Espírito Santo, no ano de 1973. Em 1975 meu pai junto com meu avô materno e mais quatro pais de famílias conhecidos vieram para o Pará a procura de terras para poder sustentar suas famílias. No ano seguinte viemos em definitivo. Na época a família de meu avô era composta pelo casal e nove filhos, a minha éramos em cinco, meus pais, eu e mais um irmão e uma irmã, com idades de quatro, três e dois anos.

Influenciado pelo período da década de 70, momento este em que ocorreu um forte movimento migratório no Brasil de camponeses para os estados do Pará, Rondônia e Mato Grosso, atraídos pelos projetos públicos de colonização agrícola que ocorria no país.

Figura 1 – Matéria no Jornal Brasil – Abertura da Transamazônica



Fonte: Jornal do Brasil (1970)

Com o intuito de obter terras atraídos pela propaganda da época do regime militar, que se instaurou em 1 de abril de 1964, permanecendo até 15 de março de 1985 comandado por governos militares, com caráter autoritário e nacionalista, usando o islogo “Terras sem homens para homens sem terras” ou “Integrar para não entregar” (acadêmicos: Silva, Storch, Roberto, Danielle, Andreane, Sodré e Oliveira) neste contexto de propagandas, muitas famílias vieram para esta região, sabendo da facilidade em ter acesso à terra e acompanhados pela motivação de uma tentativa de melhores condições de vida. Que era ter uma área maior de terra para a criação de animais e do cultivo de lavouras definitivas que gerassem rendas maiores do que as conquistadas no seu lugar de origem em Linhares ES, porque a terra era muito pequena e não dava para assegurar todos os filhos. Nessa vinda do meu pai e meu avô, eles compraram terras no km 70, no município de Medicilândia. Nesta época se dava a abertura e a colonização da Rodovia Transamazônica.

Figura 2 – Fotografia de uma máquina derrubando a floresta na abertura da Rodovia Transamazônica - BR 230.



Fonte: Solano (1970)

Figura 3 – Fotografia da primeira Agrovila construída na Transamazônica, Km 90, Medicilândia¹



Fonte: Solano (1970)

No ano de 1976, viemos juntos com várias famílias para a Transamazônica com meu avô e meus pais: Eurípedes de Almeida, natural da Bahia e minha mãe Petronília Assis de Almeida, capixaba. Quando chegamos aqui moramos na agrovila Jorge Bueno no Km 70 por um ano, na casa a qual pertencia o lote em que fomos morar, na vicinal 22. Depois de estabelecidos nesta região, meu pai e a minha mãe tiveram que trabalhar para outras famílias para adquirir o sustento, enfrentando enormes dificuldades como: os piuns, os períodos de chuvas constantes, a falta de estradas para escoar os produtos colhidos nas roças e devido à falta de conhecimento das características da região, além disso, a falta de apoio governamental, mas, pouco a pouco fomos nos adaptando a propriedade da qual tiramos condições para investir na abertura e construção de uma casa para morarmos. Lá eu cresci e ganhei mais três irmãos, no total de sete filhos.

Figuras 4 – Fotografia dos irmãos: Gilmar, Odila, Marinalda, Aparecida e Gilberto. local.



Comunidade família de Nazaré, 1982.

¹ Em homenagem ao presidente Emílio Garrastazu Médici, a primeira agrovila ganhou o nome Medicilândia. Situada no quilômetro 90 da Transamazônica, à época entre as cidades paraenses de Altamira e Itaituba.

Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Figuras 5 – Fotografia da família Almeida de Sousa. Casa dos meus pais.2002.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Aos sete anos comecei a estudar, em uma escola que funcionava na igreja da comunidade Família de Nazaré. Nesta escola eu estudei da 1ª série A e B, e 2ª série, com as professoras Maria da Silva Nunes e Carlinda Malcheory Carpanedo, elas eram moradora da comunidade e não eram formadas, tinham apenas a antiga 4ª série. Eram professoras leigas. No entanto, na 1ª série A eu não consegui passar; então eu lembro que no final do ano a professora pediu para que pintássemos um desenho com umas velas e um sino bem bonito para colocar na capa de uma pasta que ela usou para guardar as nossas avaliações.

A comunidade celebrava no final de cada ano uma festa do padroeiro (Família de Nazaré) e era costume da professora entregar as avaliações dos alunos neste dia e apresentar a comunidade os alunos que tinham sido aprovados. O padre celebrou a missa e quando terminou a celebração a professora foi chamando os alunos que passaram de ano e entregando as pastas, a minha e de mais dois colegas ela deixou por último. Recordo que quando ela falou que tinha três alunos que não estudariam na série B e chamou pelos nomes. Eu saí para fora correndo e chorando, então ela veio me entregar a pasta com as minhas provas lá fora onde eu estava desesperada chorando abraçada à minha mãe.

Lembro-me que ela falou que no próximo ano eu poderia passar, de primeiro momento eu disse que não queria estudar mais com ela, porém hoje, percebo que esse momento foi significativo e forte porque tornou-me em uma pessoa responsável e que diante dos obstáculos da vida não há desânimo, e nos meus trabalhos como educadora procuro sempre ser atenta a situações relevante ou iguais buscando

formas que seja de incentivo de crescimento fazendo com que o aluno compreenda que os obstáculos existem para nos agir de maneira diferenciadas e esforçar para uma mudança dos quais nós podemos dar a volta por cima das dificuldades, assim como foi comigo.

Essa é uma das lembranças das quais me recorro com todos os detalhes devido eu ter passado pela frustração de não ter alcançado o objetivo desejado. Sobre essas memórias vívidas do passado, Bergson (2006) fala da lembrança espontânea, que é uma lembrança perfeita, onde o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la, pois, ela conserva em minha memória o lugar e a data. Segundo Bergson, essa lembrança apreendida com o tempo tornar-se-á cada vez mais impessoal.

Já Ecléa Bosi (1994) nos traz a caracterização da memória como força espiritual. Para ela, “a memória é uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. A matéria seria, na verdade a única fronteira que o espírito pode conhecer.”

Sendo o limite o obstáculo para a matéria, neste trajeto eu enfrentei vários. Depois que consegui avançar nos estudos na comunidade, a escola da qual eu estudava foi fechada por falta de professores e por não ter o número suficiente de alunos para formar turmas, então passei a estudar na agrovila do km 70 na Escola Rui Barbosa. Ali estudei da 3ª a 4ª série, em uma jornada diária de 14km, considerando o percurso de ida e volta, o qual fazia com meus irmãos.

Refletindo sobre o fechamento das escolas do campo, essa modalidade nunca se aboliu, perpetua até os dias de hoje, mas diferenciado da época, com formato de nucleação escolar e para os alunos chegarem até essa modalidade de ensino utiliza-se de transporte escolar para trafegar os alunos até a nucleação escolhida. E com isso as escolas com números reduzidos de alunos no campo estão todas fechadas, e os alunos passando o dia todo fora do convívio familiar, devido o distanciamento da unidade de estudo escolar, sendo obrigado a passar muitas horas em cima de caminhões (pau de araras) para chegar a escola.

E nesta vida de criança estudante, eu não tive esses meios dos quais existem hoje; então eu tinha mais tempo para conviver com a minha família, ajudava meus pais nas colheitas e plantações nas roças, sem ter tempo de brincar, pois os afazeres de casa era determinado a cada um, devido a minha mãe não ter tempo

para fazer porque também ajudava nas plantações e no cultivo das lavouras. Quando distraidamente atrasávamos nas atividades e chegávamos atrasados a escola, as professoras não deixava mais entrar porque a tolerância era de 15 minutos, então eu e meus irmãos tínhamos que voltar para casa, e em casa a mamãe não perdoava, dava-nos uma surra.

Mas isso não me desmotivou, pelo contrário, foi um impulso a mais para eu ir atrás dos meus objetivos, que era estudar. Mesmo com pouco estudo, meus pais sempre nos aconselhavam que se quiséssemos alguma coisa na vida, tínhamos que estudar. As vezes chegávamos em casa cansados mais mamãe não nos deixava desanimar, estava ali pronta para nos ajudar nas atividades da escola, mesmo com pouca iluminação de lamparina a querosene e a dificuldade de leitura que ela apresentava, por ela só ter estudado o mobral.

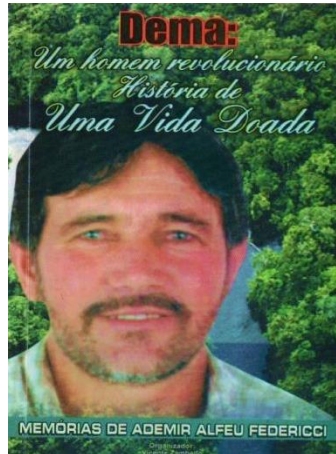
Assim, nesta localidade eu cresci sempre ajudando meus pais no cultivo e limpeza das plantações e participando da comunidade nas organizações sindicais e religiosas da Igreja católica. Assim sendo, posso dizer que desde muito cedo tive acesso ao processo de ensino e formação por meio da convivência em movimentos sociais e religiosa, pois conforme o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira: “A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Quando completei 13 anos, fui convidada pelo meu catequista “Dema” para participar de um encontro de catequese na paróquia Imaculada Mãe dos Pobres em Medicilândia. Ademir Alfeu Federicci foi muito importante na minha vida, uma pessoa que sempre se dedicou a lutar pela melhoria da vida das pessoas em nossa comunidade e por ser líder sindical estava sempre à frente das organizações sindicais e religiosas. Nesta luta ele foi vereador em Medicilândia e depois se dedicou a trabalhar em Altamira como líder da Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAGRI) e exercia um dos cargos de coordenador do Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica e do Xingu (MDTX).

Nos movimentos sociais uma de suas defesas era o incentivo de políticas de desenvolvimento sustentável a alternativa à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na Volta Grande do Rio Xingu. Essa luta de sustentabilidade e de termos

dias melhores aqui na Transamazônica foram marcadas no dia 25 de agosto de 2001, quando o Dema estava em sua casa à noite para descansar com sua família e foi brutalmente assassinado; até os dias de hoje não se encontrou o assassino e nem os culpados desta triste tragédia. Hoje somente temos as lembranças, um livro biográfico e um projeto em sua memória cujo nome é Fundo Dema².

Figura 6 – Capa do Livro “Dema: uma vida doada”.



Fonte: Zambello (2013)

Dema foi o incentivador do começo para a minha luta, junto com os demais membros desta localidade foram vários encontros religiosos e de movimentos sociais do qual eu participei e acompanhei muitas conquistas vindas dessas lutas, como: o asfaltamento da transamazônica, a luta por escolas e a formação de professores, a legalização das terras, a energia para todos, a valorização das produções da agricultura familiar, ao desmembramento de municípios e muitas outras, que deixaram seu legado de aprendizado. Mas também tivemos muitas percas de pessoas que se dedicaram nessas lutas e que foram assassinadas e mortas em acidentes nesta viagem a Brasília para pressionar o governo, em defesa de uma reforma agrária de sustentabilidade dessas famílias que vieram em busca de dias melhores e de ter vida digna neta região colonizada por vários camponeses.

Sabe-se que o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (2015)

É uma autarquia do Governo Federal, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, que tem por missão principal promover a reforma agrária de maneira justa e sistematizada, a médio e longo prazo, manter e gerir o cadastro nacional de imóveis rurais, administra terras públicas, além de identificar e registrar, demarcar e

² Disponível em: <www.fundodema.org.br> Acesso em: 02 de maio de 2019.

titular terras destinadas a assentamentos e comunidades tradicionais quilombolas.

Entretanto, este ministério por ser responsável a assistir as populações das quais se localizaram nesta região, não deu a assistência devida as famílias levando as mesmas a viverem situações de privações semelhantes as apresentadas anteriormente.

3. Paulo Freire e minha descoberta como educadora

Minha trajetória como docente iniciou-se em sete de maio de 1993. Considerando minha atuação como liderança religiosa e sindical em minha comunidade, fui escolhida para participar do curso de extensão sobre “Capacitação de alfabetizadores de adultos inspirado no método de Paulo Freire”. O curso foi promovido e ministrado pelo Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, Canoas, RS, com apoio da Secretaria Municipal de Medicilândia e da Paroquia Imaculada Mãe dos Pobres.

Após essa formação, desenvolvi um trabalho de alfabetização com jovens e adultos não alfabetizados da comunidade. A formação teve carga horária de setenta e cinco horas, distribuídas no período de oito meses e as aulas aconteciam a noite com iluminação de lampião a gás em três dias da semana. A metodologia usada era a de Paulo Freire enfatizando as palavras geradoras da vivência dos alunos. Nesta conjuntura de ler as palavras fazendo a leitura do mundo que as mesmas representam, eu dei o primeiro passo de trabalho como educadora.

4. Percursos formativos, aperfeiçoamento e atuação na Educação do Campo

A minha formação como educadora iniciou-se aos trezes anos, mais aos dezoito anos eu comecei a estudar no Projeto Gavião. Na época eu não atuava como professora, mas devido ter sobrado vaga, um amigo que sempre esteve participando dos encontros religiosos junto comigo convidou-me para estudar.

Vale ressaltar um aspecto importante de como aconteceu a implementação do Projeto Gavião nesta região, que diz respeito ao fato de que a formação não se restringia apenas a professores, mas também à lideranças sindicais e religiosas, quesito no qual me enquadrava, o que também contribuiu para me incluírem no Projeto.

Nesse contexto, era necessário a qualificação de profissionais que atuassem na área, principalmente na educação, visto que em sua grande maioria os professores que atuavam eram leigos. Então entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) criada em 1961, com o objetivo de estabelecer novos parâmetros para a educação, que com o decorrer do tempo foi sofrendo alterações até ser efetivada em 1996. Com a reformulação o Fundo de Manutenção do Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) estabeleceu a LDB que tinha como objetivo desenvolver o ensino fundamental no Brasil qualificando os professores para atuarem na sala de aula, já que a maioria dos professores em exercício tinham como formação apenas a antiga quarta série ou o ensino médio.

Dessa forma, foi criado o Projeto Gavião em parceria com a Universidade Federal do Pará, Secretaria Estadual de Educação, Ministério da Educação (MEC) e várias secretarias municipais, apoiado pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) pela Resolução nº 447/98. O principal objetivo desse projeto era profissionalizar os professores leigos. Neste período a Secretaria de Educação do município de Medicilândia também aderiu ao projeto.

O Projeto era organizado em duas modalidades: Gavião I, caracterizado como ensino supletivo de nível fundamental distribuído em cinco etapas e duração de dois anos e meio; e Gavião II, com habilitação para o Magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos. As aulas aconteciam nos períodos de férias do ano letivo. Assim, estudei nos períodos intervalares durante seis anos e meio da 5ª série ao ensino médio e quando não era período de aulas permanecia trabalhando na roça com meus pais que mesmo com muitas dificuldades financeiras custeavam minhas despesas no período de estudos e passagens.

Como vemos na descrição acima, essa forma de distribuição dos módulos veio contribuir para a permanência dos jovens no campo, pois com a alternância

entre tempo de estudo e tempo de trabalho era possível administrar a vida de estudante e de colaborador nas atividades da agricultura familiar.

Foram muitos anos de sofrimento, enfrentando os desafios do inverno nos atoleiros da Transamazônica para chegar até a cidade e estudar, passando quinze dias longe da família, tendo a escola como casa e sala de aula.

Em 1995 fui chamada para trabalhar na Escola Vovó Ana na vicinal 20, no município de Brasil Novo, onde trabalhei três anos como professora e merendeira, com uma turma de multisseriados composta por 21 alunos. Foi muito difícil pois eu não tinha experiência de trabalho em sala de aula estava apenas estudando o Magistério no Projeto Gavião.

Chegando na comunidade fui bem acolhida e senti-me um pouco angustiada e insegura pois não estava bem segura do trabalho, e segundo informação os pais eram bem exigentes. Mas quando cheguei na escola no primeiro dia já me encantei com a organização dos alunos e dos pais que se dedicaram a me ajudar durante aquela semana. Os alunos tinham o costume de fazer os trabalhos dos quais eram submetidos, como limpeza da sala de aula, pátio, acender o fogão a lenha, colocar água no filtro e lavar as panelas e pratos após a merenda. Diante destes detalhes eu organizei os grupos as atividades a cada dia.

Durante a semana fiz o diagnóstico da aprendizagem dos alunos e percebi que todos, principalmente os alunos do primeiro ano já dominavam a coordenação motora e conhecia as vogais devido os pais ensinarem em casa. Com isso desenvolvi meu trabalho na pedagogia libertadora de Paulo Freire com palavras geradora da localidade e do convívio dos alunos, considerando que as atividades do lugar era a criação de gado e o cultivo de plantações do café. Nesta comunidade eu trabalhei com uma turma multisseriada, do 1º ao 3º ano. Foi neste lugar que eu entrei para ingressar nas atividades educacionais, nesta época o município estava no 4º ano de gestão municipal, então os recursos não eram muitos e também era o último mandato do 1º prefeito do município.

Devidos os recursos não serem condizente com a demanda de escolas nas zonas rurais, a oferta de profissionais também era escassa. E foi diante desse desafio que tive que “arregaçar as mangas” ser professora e merendeira nesta

escola, trabalhei em parceria com os pais e os alunos. Todos os dias chegávamos uma hora mais cedo do horário de início das aulas e deixávamos as atividades de alimentação (merenda) bem adiantada.

Na escola todos os alunos eram divididos em grupos para fazer as atividades referentes aos cuidados de limpeza e os da merenda. Eu ficava encantada com os alunos de verem eles tão responsáveis com tudo e das suas organizações.

Figura 7 – Fotografia digitalizada - Alunos da 1º Escola de trabalho; E.M.E.F. Vovó Ana, vicinal 20, Brasil Novo – PA, no ano de 1996.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Uma das atividades diferenciadas que tenho recordação da qual eu desenvolvi com os alunos foi a dança das peneiras, este trabalho foi feito bem na época da colheita do café, nestes dias nós nos dedicamos a estudar tudo sobre o café e como trabalho de arte fizemos umas peneiras de jornal enrolados e apresentamos uma dança no período noturno para nossa comunidade. A atividade foi muito bem recebida e até despertou o interesse dos pais em saber mais sobre a cultura do café. O trabalho desenvolvido nesta comunidade trouxe-me vários conhecimentos, entre eles a maneira de como eles educavam seus filhos e a responsabilidade da qual eles tinham diante dos trabalhos e afazeres de casa e da roça, pois eles eram bem organizados, e lutavam quando queriam que seus direitos às políticas públicas fossem resolvidos.

Nesta escola obtive muito êxito na minha profissão com os alunos e com a comunidade, lá além do trabalho de professora também ajudava nas organizações

religiosas e sindical. Porque a comunidade era denominada a uma herança familiar de membros parentescos. Quando foi para eu sair da comunidade eu passei várias noites sem dormir porque eles não queriam que eu saísse, ofereceram casa mobilhada e até gado para que eu ficasse, mais eu tinha passado no concurso e não podia perder a vaga da qual a secretária tinha reservado para mim. Pois eu me casaria em setembro de 1998, e por ter passado no concurso, não podia perder a oportunidade.

Em 1998 vim morar no município de Brasil Novo no km 48 vicinal 15, porque estava com data marcada para me casar no mês de setembro do corrente ano. Nesta época eu já era concursada, com o cargo de auxiliar de serviços gerais e fui trabalhar como servente na Escola Planaltina, onde permaneço até hoje. Como já tinha professora nas turmas, trabalhei como servente durante três anos, e sempre que a professora precisava sair eu assumia as turmas e fui mostrando a minha capacidade profissional como professora. Sempre que tinha oportunidade dialogava com os pais e a comunidade sobre a possibilidade de se ter o ensino fundamental maior na comunidade, a fim de que os alunos permanecessem no campo, favorecendo e mantendo os vínculos afetivos entre familiares, assim como a agricultura familiar.

Relembrar questão das multisséries em minha trajetória de vida como educadora foi reviver lembranças de como essa modalidade de ensino também esteve presente em minha vida estudantil. As multisséries sempre foram formas que viabilizaram aos habitantes do meio rural para que seus filhos tenham acesso ao ensino institucionalizado enquanto escola, mesmo que esses sejam de forma precária. Quero aqui recordar e traçar o passado conservando o que conquistei e fazendo uma análise crítica dessas lembranças, descrevendo os desafios que já encontrei. Assim segundo Bergson (2006, p. 51.):

A lembrança é um grau diferente da sensação. A lembrança de uma sensação é coisa capaz de sugerir essa sensação, ou seja, de fazê-la renascer, fraca primeiro, mais forte em seguida, cada vez mais forte à medida que a atenção se fixa mais nela.

Referente ao traçado do passado, Bergson nos faz refletir quando diz que automaticamente o passado por si mesmo se conserva em nossas vidas, pois está a

todo instante conosco. É difícil esquecer os momentos bons e ruins que perpetuou na minha vida como educadora e como pessoa formadora de opiniões.

Formar opiniões em pessoas de conhecimento ainda inibido do saber intelectual é conturbador e as vezes incerto diante das conclusões obtidas dos mesmos. E quando esse saber vem acontecendo em turmas com níveis diferentes de idade e progressão, tendo em vista que essa progressão não é homogênea na evolução da aprendizagem nos dar uma inquietação na alma e na mente.

Entendendo este contexto de multisséries que sempre esteve presente no campo por ser fruto de um período histórico que nos remete ao Brasil colônia, naquela época os professores leigos ensinavam os filhos dos donos das terras e também ensinavam aos filhos de seus trabalhadores. Isso ocorreu depois que os Jesuítas foram expulsos do País em 1759. Em 1889 no período da República criaram-se grupos Escolares, então surge o modelo seriado de escolarização, iniciando-se nas cidades e em vilas, mas nas zonas rurais permaneceram os ensinamentos multisseriados, devido a questão de ordem demográfica e a densidade populacional perpetuando até os dias de hoje.

E essa fragilidade que perpetua na escola do campo também se estende ao professor que ao assumir essa modalidade é responsável por múltiplas funções que traz um reflexo negativo no desempenho principal de suas atividades escolares devido ao acúmulo de tarefas.

De acordo com (Hage, 2010 P.27) os professores se sentem sobrecarregados ao assumirem outras funções nas escolas multisseriadas como: faxineiras, líder comunitárias, diretor, secretário, merendeiro, agricultor etc. além dos cumprimentos constitucionais e os marcos legais operacionais anunciado na legislação específica, que define os parâmetros de qualidade do ensino público.

Segundo ele o professor que assume as multisséries é exigido dele planos e estratégias de ensino e avaliação diferenciada por series, sendo isso a grande preocupação dos professores que atuam no campo com as multisséries.

É neste contexto que eu atuo como professora na comunidade a seguir.

Na comunidade da agrovila Planaltina, trabalhei como servente durante três anos, depois foi contratada para trabalhar como professora durante quatro anos, no

período de 2001 a 2004. Em 2001 eu trabalhei somente com o 6º ano, no sistema de modulo. Foi um ano de muitas experiências pois eu tive que assumir todas as 10 disciplinas do currículo, mais diante das dificuldades esforcei-me bastante para ensinar esses alunos e ganhar credibilidade para dar continuidade nos anos seguintes. E durante este ano, onde tive mais dificuldade foi na disciplina de inglês, porque eu não tive aulas de inglês durante o magistério.

Figura 8 - Fotografia digitalizada - Alunos da E.M.E.F Planaltina, turma do 6ª ano, município de Brasil Novo – PA, ano 2001.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Com a ideia amadurecida, da permanência dos filhos no campo, em 2001 os pais formaram uma equipe e foram até a secretaria de educação e conseguiram ter o ensino do 6º ao 9º ano. Dessa forma, fui contratada pela prefeitura para trabalhar todas as disciplinas do 6º ano e nos anos seguintes as demais séries.

Em março deste ano fui lotada para trabalhar com uma turma do 6º ano. Nessa época estava casada a três anos e meu primeiro filho com três mês de nascido. Antes mesmo de terminar a minha licença maternidade tive que assumir essa turma. Lembro que quando fui chamada, ouvi uma frase da secretária dizendo que “era pegar ou dar a vaga para outros” e sem pesar muito eu aceitei.

Enfrentando os desafios de estar em sala de aula com um bebê ainda dependente dos meus cuidados e lactante. Arrumei um cantinho no chão e o colocava para dormir, enquanto ele dormia eu dava as minhas aulas. No decorrer da

aula, contava com ajuda das alunas maiores quando terminavam suas atividades para cuidar dele quando acordava.

Meu esposo foi de fundamental importância para meu sucesso, pois mesmo cansado devido o trabalho pesado como agricultor, sempre esteve me apoiando, fosse na divisão das tarefas domésticas, na locomoção para o trabalho, para o estudo, na compreensão de minhas ausências nos períodos de férias em que saía para estudar e principalmente na educação de nossos dois filhos, que terminavam tendo mais a presença dele que a minha em suas vidas.

Em 2002, eu assumi uma turma de multisséries de 6º e 7º ano no sistema de módulo. Foi um período complicado, porque trabalhar as multisséries com as series fundamentais finais requer do professor conhecimento profundo e domínio do conteúdo a ser ensinado.

Figura 9 - Fotografia digitalizada - Pais e alunos no mutirão de limpeza da E.M.E.F. Planaltina, vicinal 15. Brasil Novo – PA ano 2001.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Durante estes anos trabalhados, conquistei a confiança e apoio dos pais e lideranças da comunidade de forma a participarem ativamente das atividades educacionais e que a escola precisava, foram muitas conquistas, e através de mutirões para trabalhos de limpeza do pátio, construção de horta, corta e trazer lenha para fazer merenda, pois na época não tínhamos fogão a gás; também formamos um grupo com a representação de cinco pais para ajudar na administração escolar, etc.

Figura 10 – Fotografia digitalizada - Pais e alunos no mutirão de limpeza da E.M.E.F. Planaltina, vicinal 15. Brasil Novo – PA, ano 2001.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Após os quatro anos voltei para meu cargo de servente, mas devido ao trabalho e também desde cedo ter me esforçado muito junto com meus pais na roça, comecei a sentir muitas dores na costa e me afastei do trabalho por seis meses. E quando voltei a trabalhar assumi a coordenação das Escolas Planaltina e Hilária Lunelli, e uma turma da Pré-Escola, e a disciplinas de inglês com a turma da EJA.

Neste período junto com os alunos e a comunidade fizemos várias atividades envolvendo a comunidade, inclusive junto com os alunos construímos um projeto interdisciplinar com o tema “*A história de vida da comunidade Planaltina*”, pois haveria em setembro uma feira de ciência do município e todas as escolas que tinham ensino fundamental maior eram obrigadas a participar, então nós construímos duas maquetes representando a Comunidade Planaltina no início da colonização e como ela se encontrava naquele momento. Nesta participação da feira a nossa escola ficou em terceiro lugar do evento. Foi um avanço inesquecível para toda a comunidade, eu fiquei conhecendo sua realidade e suas lutas para conseguir os benefícios que hoje a mesma tem.

Importa registrar que em 2001 prestei vestibular, passei, e comecei a estudar nos períodos de férias, graduando-me em Pedagogia, na Universidade Vale

do Acaraú, do Ceará (UVA) no ano de 2001. Depois fiz uma Pós-Graduação em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar, pela Faculdade de Tecnologia Antônio Propício Aguiar Franco (Fapaf).

Em setembro de 2010 tive momento muito difícil na minha vida, devido a morte da minha mãe que estava há dois anos e oito meses lutando contra um câncer de um nódulo no seio, durante estes anos em que minha mãe esteve fazendo o tratamento em Belém. Foram dias de muitas angústias pois tinha dias que eu não conseguia fazer o meu trabalho com as crianças e sentia-me incapaz, e quando pedia ajuda as colegas das quais trabalhavam juntas, percebia que elas não sabiam o que fazer para me fortalecer, foram dias e dias de esperança e ao mesmo tempo de sofrimento, sofrimento este que diante dos alunos tinha que esconder e demonstrar que estava tudo bem, até quando a minha mãe veio a óbito.

Uma lembrança emocionante que não poderia deixar de registrar aqui, trata de um momento vivido em 2012 na festa junina da Escola Planaltina, onde era coordenadora e professora. No quadro discente tínhamos uma aluna de dez anos portadora de deficiência múltipla em consequência de paralisia cerebral desde o nascer. Ao organizarmos os ensaios de quadrilha, decidimos conversar com a família a fim de que ela pudesse participar da dança assim como os outros alunos. Percebemos que tanto ela quanto os familiares ficaram comovidos e empolgados. Então, a mãe também participou dos ensaios e dança conduzindo a cadeira e a professora foi o par, caracterizando-se no papel masculino. No dia da apresentação ela foi a atração da dança, a comunidade inteira se emocionou com a participação dela e da mãe nessa atividade, e em especial a aluna e a mãe, por se sentirem parte daquele grupo. Depois a mãe me procurou e disse que pela primeira vez ela sentiu que de fato a filha dela se sentia inclusa no processo educacional, isso ficou visível na expressão de felicidade no rosto das duas, durante a apresentação.

Em 2013, surge eleições para prefeito municipal e então devido eu ter apoiado o candidato à reeleição, Alexandre Lunelli, do Partido dos Trabalhadores, passei a sofrer perseguições políticas ao ponto de ser afastada dos cargos de professora e coordenadora. Diante disso, voltei a trabalhar novamente na função de auxiliar de serviços gerais. Como já vinha sentindo dores na costa fui afastada do trabalho por orientação médica ficando. Passando pela perícia médica do INSS, fui

orientada a ser readaptada, como a Secretaria de Educação onde sou lotada não acatou ao pedido, fiquei afastada do trabalho e recebendo pelo INSS por quatro anos, ou seja, durante toda gestão do governo eleito.

5. Maria, educadora, uma estudante da Educação do Campo

Em 2014 fiz o processo seletivo para o curso de licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Etnodiversidade na UFPA, e em 2015 comecei a estudar em Brasil Novo, Linguagens e Códigos do qual tem este memorial por Trabalho de Conclusão de Curso. Esta foi mais uma vez onde eu percebi o grande esforço dos meus filhos, esposo e demais pessoas dos quais me ajudaram. Mas esta também teve reflexo nos meus filhos pois quase não tenho tempo para me dedicar a eles, principalmente nesta fase tão importante da adolescência.

Figura 11 – Fotografia da turma de Brasil Novo do Curso de Educação do Campo: Linguagens e Códigos da UFPA.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Em janeiro de 2015 iniciaram as aulas, mas para começar a primeira disciplina do curso eu não tive como fazer, devido eu não ter internet eu perdi o prazo da matrícula. Quando na quarta-feira da primeira semana de estudo o telefone tocou eu atendi era a Geovana Lunelli falando para eu pegar todos os meus documentos e ir à Altamira para me matricular pois estava surgido algumas vagas, mas eu teria que está em Altamira com a documentação até o meio dia. Esse dia estava chovendo muito e meu esposo estava na roça e era umas nove horas da manhã. Mas apesar das dificuldades e o risco de vida dos quais passamos por viajar de moto em alta velocidade, eu conseguir chegar em Altamira com a documentação a tempo de ser inserida no curso. E na semana seguinte comecei a estudar enfrentando as dificuldades que o tempo me oferecia.

As dificuldades encontradas foram várias, os dias de chuvas os atoleiros nos travessões, os recursos financeiros, os estágios de tempos comunidades devido eu ter que estagiar em escolas de Brasil Novo, os filhos e marido ficando nas férias sem a minha presença em casa, acomodação na cidade nas casas de amigos e parentes. E além disso tínhamos as vezes trabalhos referentes as disciplinas que tomava todo o fim de semana que tínhamos para ficar com a nossa família. Porém dentre todas essas dificuldades foram várias as experiências formativas da qual nos qualificamos e perfeioamos em nossos trabalhos em salas de aulas.

Um das dessas experiências foi trabalhar com os alunos a gramática dentro do texto, ler livros literários em ambientes naturais e usar técnica de leituras literárias através das histórias contadas pelo escritor. A prática de trabalhar com o aluno através da sua realidade, exemplo o croqui, um olhar diferenciado as famílias tradicionais e suas organizações na comunidade, e o cultivo da agricultura familiar e a permanência dos filhos de agricultores em seus lugares de origem valorizando a cultura local.

O curso de Educação do Campo é diferenciado porque prepara o aluno para a vida social e crítica da realidade. Nesta realidade, muitos profissionais se apegam as metodologias tradicionais e não conseguem buscar novas estratégias para que as aulas sejam mais atraente e façam com que desperte nos alunos a curiosidade e a incumbência de sentirem que eles também fazem parte do processo de ensino aprendizagem assim como aperfeiçoar seus conhecimentos.

Sabemos que a metodologia é o caminho para chegar a um fim, esses métodos são elementos cruciais para que o professor concretize suas práticas educativas. Estas práticas, requerem de nós muitas estratégias e recursos didáticos. Assim, muitos profissionais diante das dificuldades econômicas submetem-se há uma carga horária que não disponibiliza um tempo de preparação de recursos didático para melhorar suas estratégias metodológicas efetuadas em sala de aula.

Os saberes da formação profissional são constituídos por doutrinas ou concepções que produzem reflexões das práticas educativas. Assim, esses saberes são reconhecidos como:

Responsáveis tanto pelo fornecimento de um arcabouço ideológico à atividade docente quanto por forma de saber- fazer. Portanto, os saberes pedagógicos “fornecem a base de construção (...) na qual se

define a identidade do educador como profissional distinto dos demais profissionais. (SAVIANI & PIMENTA 1994, p.146).

Esses são saberes, segundo Paulo Freire (1999); que vêm das inquietudes e curiosidade intuitiva do saber domesticado, pois essa domesticação pode somente alcançar memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real deste objeto. Para este autor, o saber curioso move, inquieta e faz com que o indivíduo seja inserido na busca de novos conhecimentos.

Figura 12 – Fotografia dos alunos do 8ª ano da E.M.E.F. Padre Léo Sheneider, no estágio do IV Tempo Comunidade, acervo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal – Sousa (2019)

Os tempos comunidades eram atividades que a faculdade desenvolvia fora do ambiente de sala de aula para buscarmos pesquisar e aprofundar com mais eficácia as forma e condições culturais e ambientais da vida das pessoas da comunidade em geral e das escolas. Nestas localidades escolares dos tempos comunidades, desenvolvi meus trabalhos acadêmicos e obtive muitos conhecimentos, como as histórias de vidas das comunidades, as trocas de experiências com os professores, a cultura tradicional do local, ajuda mútua dos profissionais e a socialização de aprendizado dos alunos com suas dinâmicas de desenvolvimentos. Mas também muitas dificuldades, dentre elas; o trajeto de ida e volta as escolas das quais estagiei, a falta de tempo para preparar os conteúdos a serem ensinados tendo que adentrar até altas horas da noite por não ter um domínio condizente com o meu aprendizado, e a indiferença dos demais profissionais das localidades de estágios.

Nesta modalidade de ensino obtive os seminários dos quais eu recordo foi o primeiro encontro de etnodiversidade em Altamira cujo tema era Educação do Campo Diferenciada, onde todos os discentes participaram desta modalidade e

aprofundamos várias reflexões sobre a Lei de Diretrizes de Base da educação Nacional, O campo como Território da diversidade, O marco legal da educação do Campo, Variedade de ecossistema complexas e ricas teias de biodiversidades, a Agricultura familiar e o Agronegócio industrial, dentre os que aconteceram no âmbito da aprendizagem em sala de estudo.

Neste contexto de aprendizagem em sala de aula, traço aqui alguns professores dos quais fizeram a diferença no meu aprendizado durante esse percurso, como o professor Mario Henchen na disciplina Sociologia da Educação do Campo, Prof. Msc. Sergio Freire na disciplina de Literatura Portuguesa, Prof. Paulo Vieira nas suas duas disciplinas de Literatura Paraense e Literatura Popular, Profa. Msc. Ana Paula, Profa. Dra. Raquel Lopes, e Profa. Carla Geovana na disciplina de Organização das propriedades do campo e outros. A todos e todas, sou grata pelo esforço e dedicação de fazer parte desse aprendizado de transformação na minha vida profissional e pessoal.

Transformação essa que este curso de Educação do Campo me proporcionou em alternativas de formação que contribuíram para o respeito a diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gêneros, de raça e etnia, com a formação do sujeito dentro de um projeto de emancipação humana, que vise incentivar as pessoas nos seus diferentes saberes da qualidade social da educação escolar atendendo as especificidade do campo, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

Estes aprendizados estão presentes em minha prática como educadora e cidadã na comunidade onde resido e nos espaços sociais e religiosos por onde passo.

Morando na mesma comunidade com meus dois filhos e meu esposo em um lote familiar, de minha sogra, adquirido no tempo da abertura da Rodovia Transamazônica, onde o meu esposo trabalha na roça no cultivo de cacau e na plantação de maracujá, eu continuo trabalhando na escola, pois devido ter ficado quatro anos pelo INSS, fui reabilitada da minha função, e por ser graduada, voltei a trabalhar como professora.

Em 2017, voltei a trabalhar com uma turma de multisséries de 23 alunos, do 1º ao 5º ano, e com a inclusão de uma aluna especial de deficiência auditiva no primeiro ano. Mais um desafio que a prática docente nos apresenta, já que nem sempre o docente tem formação adequada ou apoio técnico, pedagógico e psicológico para lidar com o processo de inclusão nas escolas, considerando a diversidade sociocultural da turma.

Em 2018 trabalhei com 12 alunos do 3º ao 5º ano. E neste ano eu estou trabalhando com as turmas de pré-escola ao 5ºano, incluindo a aluna com deficiência auditiva. Esse é o contexto da qual a realidade educacional se comporta na atualidade ao ensino aprendizagem dos alunos do campo, vivendo as mazelas oferecida pelos gestores públicos, acabando com a decência intelectual do professor que tem que aceitar essa irregularidade não condizentes com as leis.

Ainda com o tempo que divido as minhas obrigações atuo nas organizações religiosas e sociais da comunidade. Pois é neste contexto que eu me sinto bem, está sempre passando um pouco do meu conhecimento e conhecendo aprendendo um pouco com o outro.

Considerações finais

Considerando os relatos de momentos vividos na minha vida familiar e profissional, quero aqui focar no desenvolvimento de minha aprendizagem como aluna e educadora que mesmo com muitos desafios e obstáculos superei, mesmo sendo filha de pais analfabetos e sem ter uma renda familiar condizente a estrutura do sistema econômico.

Vivenciado esses paradigmas de experiência desafiadoras ao assumir o trabalho com as multisséries, quero aqui reforçar que as multisséries não está presente em nem uma lei de educação de base, essa é uma forma que foi construída devido a realidade do êxodo rural e a diminuição dos alunos do campo.

Mas essa modalidade não é tão desmerecedoras para as pessoas do campo, porque o campo é um lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade e construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável; então os alunos que estudam nessa concepção enfrentam muitas

dificuldades, sim; mais é com a falta de uma escola adequada dentro dos direitos que são designados como: cadeiras para todos, livros didáticos adequados a sua realidade, merenda e estabilidade no ensino. Mais o que vejo é muito descaso com a educação principalmente com as do campo.

Porém, conquistei meu espaço como profissional. Me sinto realizada ao ver que contribuí não só com a formação escolar de meu alunado, mas também com sua formação enquanto pessoas que sabem e podem exercer sua cidadania de forma consciente e ativa. Quando reconheço alguns dos alunos dos quais pude contribuir com sua formação, inseridos no mercado de trabalho como professores, contadores, veterinários, comerciantes, lideranças sindicais e religiosas, ou seja, profissionais que estão fazendo a diferença na vida de outras pessoas, olho o passado e reconheço que as dificuldades nos fazem crescer e nos tornarmos sensíveis ao próximo.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri, 1899-1941. **Memória e vidas** / Henri; textos escolhidos por Gilles Deleuze; tradução Claudia Berlinear; revisão teórica e tradução Bento Prado Neto- São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação. Pacto pela valorização do magistério e qualidade da educação.** Brasília, 1994.

_____. **Leis de Diretrizes de Base da Educação Nacional.** Brasil, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

D'INCAO, M. C.; MAGALHÃES, S. B.; HÉBETTE, J. Reprodução Social do Campesinato na Amazônia: relações personalizadas e constituição do espaço público. In: MAGALHÃES, S B.; HÉBERTTE, J. (org.) **Vivendo a terra ocupada: monografias sobre reprodução social do campesinato na Amazônia Oriental.** Belém. UFPA/MPEG, 2002. CD-ROM.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 13. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Professora, sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** 10. ed. São Paulo: Editora Olho D' água, 2000.

JANATA, Eugênia Natacha & ANHAIA, de Marcos Edson. **Escolas/classes Multisseriadas do Campo**: reflexões para a formação docente. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/ SC – Brasil.

MOLINA, Mônica Castagna. Brasil. **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexões. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 1994.

SILVA. Alexandre Rocha da. **Elementos para uma comunicação pós mediática**. São Paulo: Unisinos, 2003.

SOUSA, Marial A. Almeida. **Fotografias digitalizadas (Arquivo pessoal)**. Brasil Novo: Pará, 2019.

ZAMBELLO, Vicente. **DEMA**: História de uma vida doada. Memórias de Ademir Alfeu Fredericci. Brasil Novo: Pará, 2013.